

**USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS E EDUCACIONAIS NO ENFRENTAMENTO
DA LGBTFOBIA: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA**

**USE OF DIGITAL AND EDUCATIONAL TECHNOLOGIES IN COMBATING
LGBT-PHOBIA: A SYSTEMATIC LITERATURE REVIEW**

**USO DE TECNOLOGÍAS DIGITALES Y EDUCATIVAS EN LA LUCHA CONTRA
LA LGBTFOBIA: UNA REVISIÓN SISTEMÁTICA DE LA LITERATURA**



10.56238/edimacto2025.090-084

Luis Félix de Barros Vieira Rocha

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: luis.felix@ufma.br

Ebenezer Santos da Silva

Mestranda em Gestão e Ensino da Educação Básica

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: slzpedagogia19@gmail.com

Claudionice Alves Durans

Licenciada em Pedagogia

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: nicinhadurans1968@gmail.com

Ester Alves Durans

Especialista em Psicopedagogia

Instituição: Dom Bosco

E-mail: ewdurans@gmail.com

Ozicleia Alves do Nascimento

Mestra em Educação, Gestão e Planejamento Educacional

Instituição: Dom Bosco

E-mail: ozicleiaaaa@gmail.com

Brenda Martinha Caldas Azevedo

Psicopedagogia

Instituição: Faculdade Integrada Instituto Souza

E-mail: brenda.azzevedo9@gmail.com

Débora Fernanda Costa Bastos

Especialista em Orientação Educacional, Supervisão e Gestão Escolar

Instituição: Instituto de Educação Suérior Horizonte

E-mail: bastosgael@outlook.com



Elisângela Lourêdo Marinho

Especialista em Educação Especial e Inclusiva
Instituição: Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz
E-mail: elism1@yahoo.com.br

Amanda Lourêdo Marinho

Graduada em Direito
Instituição: Universidade Federal do Maranhão
E-mail: amand-am@hotmail.com

Indyra Costa Alves

Educação Artística
Instituição: Universidade Federal do Maranhão
E-mail: Indyra_1988@hotmail.com

RESUMO

A presente investigação tem como finalidade realizar uma revisão sistemática da literatura acerca do emprego de tecnologias educacionais e digitais no enfrentamento à LGBTfobia no espaço escolar. Considerando a recorrência de episódios de discriminação e violência contra pessoas LGBTQIAPN+ nas instituições de ensino e nas plataformas digitais, torna-se essencial compreender de que maneira os recursos tecnológicos podem contribuir para práticas pedagógicas mais inclusivas. A metodologia utilizada seguiu os princípios do estado do conhecimento, conforme delineado por Morosini e Fernandes (2014), e fundamentou-se nos pressupostos da pesquisa bibliográfica apresentados por Gil (2007). O mapeamento foi conduzido a partir dos descritores “tecnologias educacionais e digitais” e “combate à LGBTfobia”, abrangendo o período de 2020 a 2024, com buscas realizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e no Google Acadêmico. Os resultados evidenciaram uma expressiva ausência de produções científicas sobre o tema, uma vez que não foram identificados, no banco de dados da CAPES, trabalhos de mestrado ou doutorado acadêmicos ou profissionais que tratassem diretamente da temática no intervalo temporal analisado. Localizou-se apenas um artigo alinhado ao escopo desta pesquisa, o qual discute o uso de tecnologias digitais em uma ação educativa voltada ao enfrentamento da violência contra a população LGBTQIA+. Diante desse cenário, o estudo passou a examinar as potencialidades das tecnologias digitais como instrumentos pedagógicos no combate à LGBTfobia, destacando sua contribuição para o fortalecimento de redes de apoio, para a ampliação da visibilidade de identidades dissidentes e para a promoção dos direitos humanos no contexto escolar. Também foram identificados desafios relevantes, tais como a carência de políticas públicas que promovam o uso pedagógico das tecnologias com enfoque na diversidade sexual e de gênero, a necessidade de formação docente crítica e emancipatória e a influência de discursos conservadores que dificultam o avanço de pautas inclusivas. Conclui-se que, embora a produção científica nacional ainda seja limitada, o uso de tecnologias educacionais e digitais apresenta-se como um caminho promissor para o enfrentamento à LGBTfobia nas escolas. Salienta-se, por fim, a importância do incentivo a novas pesquisas, à elaboração de políticas institucionais e ao desenvolvimento de ações formativas que articulem educação, diversidade e tecnologia, com vistas a consolidar a escola como um ambiente democrático, seguro e acolhedor para todas as identidades.

Palavras-chave: LGBTfobia. Tecnologias Educacionais. Diversidade Sexual.

ABSTRACT

This study aims to conduct a systematic literature review on the use of educational and digital technologies to address LGBTphobia within the school context. Considering the persistent cases of discrimination and violence against LGBTQIAPN+ individuals in educational institutions and on social media, it becomes essential to investigate how technological tools can support the development of more inclusive pedagogical practices. The methodology adopted followed the principles of the “state



of knowledge” approach, as proposed by Morosini and Fernandes (2014), and was grounded in the theoretical guidelines for bibliographic research presented by Gil (2007). The data collection was carried out using descriptors such as “educational and digital technologies” and “combating LGBTphobia,” covering the period from 2020 to 2024. Searches were conducted in the CAPES Theses and Dissertations Catalog and in Google Scholar. The findings revealed a significant gap in the scientific literature on the subject, as no master’s or doctoral studies whether academic or professional addressing this topic directly within the defined timeframe were found in the CAPES database. Only one article related to the theme was identified, discussing the use of digital technologies in an educational initiative aimed at confronting violence against the LGBTQIA+ population. Based on this scenario, the study examined the possibilities of using digital technologies as pedagogical tools in combating LGBTphobia, emphasizing their potential to strengthen support networks, increase the visibility of dissident identities, and promote human rights within the school environment. The research also identified key challenges, such as the lack of public policies devoted to the pedagogical use of technologies with a focus on sexual and gender diversity, the need for critical teacher education, and the influence of conservative discourses that hinder the advancement of inclusive practices. The study concludes that, although national scientific literature on the topic remains incipient, the use of educational and digital technologies represents a promising pathway for addressing LGBTphobia in schools. It highlights the importance of fostering further research, institutional policies, and training initiatives that integrate education, diversity, and technology in order to transform schools into truly democratic, safe, and welcoming spaces for all identities.

Keywords: LGBTphobia. Educational Technologies. Sexual Diversity.

RESUMEN

Esta investigación tiene como objetivo realizar una revisión sistemática de la literatura sobre el uso de tecnologías educativas y digitales para combatir la LGBTfobia en el ámbito escolar. Considerando la recurrencia de episodios de discriminación y violencia contra las personas LGBTQIAPN+ en instituciones educativas y plataformas digitales, resulta esencial comprender cómo los recursos tecnológicos pueden contribuir a prácticas pedagógicas más inclusivas. La metodología empleada siguió los principios del estado del conocimiento, según lo descrito por Morosini y Fernandes (2014), y se basó en los supuestos de la investigación bibliográfica presentados por Gil (2007). El mapeo se realizó utilizando los descriptores "tecnologías educativas y digitales" y "combate a la LGBTfobia", abarcando el período de 2020 a 2024, mediante búsquedas en el Catálogo de Tesis y Disertaciones de CAPES y en Google Académico. Los resultados revelaron una importante escasez de publicaciones científicas sobre el tema, ya que no se identificaron tesis de maestría o doctorado académicas o profesionales que abordaran directamente el tema en la base de datos de CAPES durante el período analizado. Solo se encontró un artículo alineado con el alcance de esta investigación, que aborda el uso de tecnologías digitales en una acción educativa dirigida a combatir la violencia contra la población LGBTQIA+. Ante este panorama, el estudio examinó el potencial de las tecnologías digitales como herramientas pedagógicas para combatir la LGBTfobia, destacando su contribución al fortalecimiento de las redes de apoyo, la visibilización de las identidades disidentes y la promoción de los derechos humanos en el contexto escolar. También se identificaron desafíos relevantes, como la falta de políticas públicas que promuevan el uso pedagógico de las tecnologías con enfoque en la diversidad sexual y de género, la necesidad de una formación docente crítica y emancipadora, y la influencia de discursos conservadores que obstaculizan el avance de agendas inclusivas. Se concluye que, si bien la producción científica nacional aún es limitada, el uso de tecnologías educativas y digitales se presenta como una vía prometedora para abordar la LGBTfobia en las escuelas. Finalmente, se destaca la importancia de impulsar nuevas investigaciones, desarrollar políticas institucionales e implementar acciones de formación que articulen educación, diversidad y tecnología, con miras a consolidar la escuela como un entorno democrático, seguro y acogedor para todas las identidades.



Palabras clave: LGBTfobia. Tecnologías Educativas. Diversidad Sexual.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a sociedade contemporânea tem assistido a um crescimento expressivo nas discussões sobre diversidade, inclusão e enfrentamento das violências estruturais, especialmente no âmbito da educação. Entre essas formas de violência, a LGBTfobia se destaca por englobar práticas discriminatórias, preconceituosas e excludentes dirigidas a pessoas LGBTQIAPN+, afetando sua permanência, segurança e bem-estar nos espaços escolares. Embora os debates relacionados às questões de gênero e sexualidade tenham avançado em diversos campos do conhecimento, ainda é reduzido o número de pesquisas que exploram o uso de tecnologias educacionais e digitais como estratégias para o combate à LGBTfobia.

O cenário se agrava diante da intensificação da hostilidade contra pessoas LGBTQIAPN+ nas redes sociais e em ambientes digitais, onde se replicam discursos de ódio, violências simbólicas e práticas de exclusão cotidianas. Paradoxalmente, esses mesmos espaços tecnológicos apresentam importantes potencialidades pedagógicas e sociais, podendo servir como ferramentas de transformação, inclusão e promoção dos direitos humanos. É nesse entrelaçamento de tensões e possibilidades que esta pesquisa se situa, reconhecendo a necessidade de compreender como as tecnologias educacionais e digitais têm sido utilizadas para enfrentar a LGBTfobia no ambiente escolar.

No campo acadêmico, um levantamento sistemático realizado no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES revelou a inexistência de produções sejam dissertações ou teses, em nível de mestrado ou doutorado, acadêmico ou profissional que tratem diretamente do uso de tecnologias educacionais e digitais no enfrentamento à LGBTfobia em contextos educativos, no período de 2020 a 2024. Tal ausência evidencia a urgência de aprofundar o tema, identificando práticas, experiências e reflexões que possam fundamentar estratégias pedagógicas inclusivas, especialmente no que se refere à formação cidadã e ao combate às desigualdades de gênero e sexualidade.

Diante disso, esta pesquisa se orienta pelo seguinte problema de investigação: quais são as evidências, práticas e abordagens presentes na literatura científica sobre o uso de tecnologias educacionais e digitais no enfrentamento à LGBTfobia em ambientes educativos?

Para responder a essa questão, estabeleceu-se como objetivo geral:

- Conduzir uma revisão sistemática da literatura sobre o uso de tecnologias educacionais e digitais no combate à LGBTfobia e na promoção da diversidade e dos direitos LGBTQIAPN+ no campo educacional.

Desdobram-se desse objetivo central os seguintes objetivos específicos:

- Identificar pesquisas, práticas e experiências descritas na literatura científica sobre o emprego de tecnologias no enfrentamento à LGBTfobia no contexto escolar;



- Examinar metodologias, recursos tecnológicos e estratégias educativas apontadas nas produções acadêmicas;
- Mapear desafios, avanços e lacunas existentes nos estudos sobre a temática.

Assim, esta investigação busca contribuir para o fortalecimento do debate sobre educação inclusiva, direitos humanos e tecnologias, ao mesmo tempo em que propõe uma análise crítica da literatura disponível, ressaltando a relevância de práticas pedagógicas antidiscriminatórias mediadas por tecnologias digitais no ambiente escolar.

2 CONCEITOS DE LGBTFOBIA E SEUS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO

O termo *homofobia* surgiu na década de 1960 e foi amplamente difundido por George Weinberg, que aprofundou o conceito em 1972, na obra *Sociedade e o homossexual saudável*. A palavra deriva dos termos gregos *homos* (igual) e *phobos* (medo), sendo utilizada para designar uma reação irracional de rejeição e hostilidade dirigida a pessoas homossexuais, especialmente por heterossexuais que temem ser associados a elas. Conforme discute Borrillo (2010), a homofobia está diretamente relacionada ao sexismo, pois recai sobre aqueles que desafiam padrões normativos de gênero. Nesse contexto, os debates sobre gênero e sexualidade intensificados com a globalização e pelo avanço das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação têm tensionado convenções sociais e provocado transformações culturais (Jesus, 2015).

A internet, nesse cenário, torna-se um terreno fértil tanto para a contestação da ordem social vigente quanto para a disseminação de discursos que buscam restaurar estruturas tradicionais, nas quais identidades de gênero e sexualidades plurais eram sistematicamente invisibilizadas. Esse movimento ocorre simultaneamente a um processo global de maior reconhecimento e valorização da diversidade. Embora o termo *homofobia* seja amplamente empregado para designar múltiplas violências físicas, psicológicas e simbólicas nem todas essas manifestações se enquadram estritamente em seu significado original. No interior desse campo, emergem expressões específicas como heterocentrismo (Jesus, 2010; Gaspodini; Jesus, 2020), lesbofobia (Rocha; Souza; Franco, 2021), bifobia (Jaeger et al., 2019) e transfobia (Podestà, 2019).

Diante dessas distinções, esta pesquisa adota o conceito de *LGBTfobia* não só para ampliar o grupo populacional contemplado pela sigla LGBTI+, mas também para caracterizar um conjunto de comportamentos e práticas que se sustentam em estruturas sociais excludentes. Tais estruturas reforçam relações de poder hierárquicas, produzindo discriminações baseadas na orientação sexual, na identidade e expressão de gênero e em corporalidades que se afastam das normas vigentes.

Ao analisar o gênero como elemento que influencia processos de exclusão e violência dentro das instituições de ensino, torna-se evidente que tanto a identidade quanto a orientação sexual afetam diretamente a permanência dos estudantes na escola. Vivências de violência nesses espaços podem



ampliar os riscos de evasão (Alves; Silva, 2016). A intensificação de episódios de LGBTfobia tem provocado danos profundos emocionais, educacionais e sociais impactando de maneira decisiva o percurso escolar de estudantes LGBTQIA+ (Ferreira; Ferreira, 2015).

Uma pesquisa conduzida em 2016 pela Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT) apresentou um panorama alarmante sobre as experiências de adolescentes e jovens LGBTQIA+ nas escolas brasileiras. Segundo o levantamento, 60% dos estudantes declararam sentir-se inseguros na escola devido à orientação sexual, enquanto 43% atribuíram essa insegurança à identidade ou expressão de gênero. Além disso, 27% relataram ter sofrido agressões físicas por causa da orientação sexual, e 25% afirmaram ter sido agredidos devido à identidade ou expressão de gênero. O relatório também revelou que 56% dos estudantes sofreram assédio sexual no ambiente escolar. Outro dado relevante é que estudantes expostos a maiores níveis de violência relacionada à orientação sexual ou expressão de gênero apresentaram o dobro de chances de faltar às aulas no mês anterior à pesquisa, indicando relação direta entre violência e permanência escolar.

Corroborando esse quadro, a pesquisa *Juventudes na Escola, Sentidos e Buscas: Por que frequentam?* (2013) identificou que 19,3% dos estudantes da rede pública não se sentiam confortáveis em ter como colega de turma uma pessoa travesti, homossexual, transexual ou transgênero. O ambiente educativo e suas práticas pedagógicas devem ser entendidos como processos de produção cultural profundamente vinculados às formas como o poder e os significados são organizados na construção do conhecimento (Souza, 1995).

Dessa maneira, a Educação não pode ser analisada isoladamente, mas deve ser compreendida em sua articulação com os contextos sociais, políticos, históricos e culturais permeados por relações de poder. Como observam Mello et al. (2012), é na escola que, frequentemente, indivíduos que rompem com normas de gênero vivenciam humilhações e discriminações. Desde o final da década de 1990, apesar dos avanços nas políticas de direitos humanos impulsionadas pelos movimentos feministas e LGBTQIA+, observa-se também o fortalecimento da atuação de grupos religiosos nos espaços institucionais e legislativos (Machado, 2012).

Esse avanço tem repercutido diretamente na noção de Estado laico, produzindo tentativas de bloquear, remover ou retardar pautas fundamentais dos movimentos sociais, sobretudo aquelas voltadas para gênero e diversidade sexual. Um marco dessa disputa foi a retirada, em 2015, das metas relacionadas ao enfrentamento das desigualdades de gênero e discriminação dos Planos Nacional, Estaduais e Municipais de Educação para a década seguinte. A exclusão desses temas do debate escolar reforça o silenciamento das identidades dissidentes, ampliando o isolamento social e restringindo o acesso pleno de pessoas LGBTQIA+ aos seus direitos, incluindo o direito à educação.



Muitas vezes, a escola se converte em um espaço de reprodução de identidades heteronormativas, o que afeta toda a comunidade escolar. Esse processo sustenta relações de dominação e cria um ambiente permeado por tensões, violências simbólicas e práticas, contribuindo para a legitimação de comportamentos homofóbicos, sexistas e misóginos. O sofrimento decorrente dessas práticas ultrapassa a escola, estendendo-se à família, instituições religiosas, práticas esportivas, forças armadas e ambientes de trabalho, expondo sujeitos à constante ameaça de violência em uma sociedade estruturalmente machista, sexista e homofóbica.

A exclusão, portanto, não se limita ao ambiente educacional: ela também aparece na restrição ao acesso a espaços públicos que deveriam promover convivência, diálogo e construção coletiva. Ainda assim, a escola tem potencial para constituir-se como um espaço de acolhimento, inclusão e valorização da diversidade. Contudo, quando permeada por atitudes homofóbicas muitas vezes manifestadas por meio do bullying ela compromete o desempenho, o bem-estar emocional e a trajetória escolar de estudantes LGBTQIA+, podendo resultar até mesmo em abandono escolar.

Esse contexto faz com que muitos jovens LGBTQIA+ sintam-se pressionados a ocultar ou modificar sua identidade de gênero ou sua orientação sexual como forma de autoproteção, evitando estigmas e discriminações. Por outro lado, é justamente no espaço escolar reconhecido historicamente como central para a formação cidadã que reside a oportunidade de promover transformações, desconstruir a lógica hierárquica de gênero e construir práticas pedagógicas inclusivas e emancipadoras.

3 TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS E DIGITAIS NO CONTEXTO PEDAGÓGICO

Nas últimas décadas, o avanço acelerado das tecnologias tem provocado transformações profundas na vida social. A popularização da internet, o uso intensivo de dispositivos móveis e o desenvolvimento de softwares cada vez mais complexos alteraram de maneira decisiva as formas de comunicação, trabalho e aprendizagem (Schneider, 2021).

No campo educacional, tais inovações têm desencadeado mudanças significativas ao introduzir novas metodologias e ampliar as possibilidades pedagógicas. As tecnologias digitais passaram a proporcionar caminhos para aprendizagens mais personalizadas, ampliaram o acesso a múltiplos conteúdos e facilitaram a interação entre professores e estudantes, muitas vezes superando as barreiras de espaço e tempo (Lacerda et al., 2023).

A inovação pedagógica refere-se à adoção de novas práticas, estratégias e ferramentas no ambiente escolar, com o intuito de aprimorar os processos de ensinar e aprender. Essa inovação pode se manifestar, por exemplo, na implementação de metodologias ativas, centradas em projetos, resolução de problemas e situações reais, ou na incorporação de tecnologias emergentes, como inteligência artificial, realidade aumentada e plataformas digitais (Gatti, 2019). Em um contexto



educacional que evolui constantemente impulsionado por transformações sociais e avanços tecnológicos inovar torna-se essencial para formar sujeitos aptos a enfrentar desafios contemporâneos. Assim, busca-se promover competências-chave como criatividade, pensamento crítico e colaboração (Trindade, 2024).

O emprego das tecnologias digitais na educação fundamenta-se em distintas teorias da aprendizagem que orientam sua utilização. Entre elas destaca-se o construtivismo, desenvolvido por Piaget e Vygotsky, que defende que o conhecimento é construído ativamente a partir da interação dos estudantes com o meio e com seus pares (Felix; Coutinho, 2023). Nessa perspectiva, recursos digitais como plataformas colaborativas e softwares educacionais criam ambientes dinâmicos nos quais os alunos investigam, interagem e constroem saberes de modo autônomo e significativo (Moreira, 2020).

A Teoria da Cognição Distribuída, elaborada por Salomon e Perkins, propõe que o conhecimento não se limita ao indivíduo, mas é compartilhado entre pessoas, ferramentas, objetos e artefatos presentes no ambiente (Rocha, 2018). Nessa lógica, dispositivos digitais como smartphones e a própria internet ampliam essa dinâmica, permitindo acesso rápido a informações, colaboração em tempo real e uso de recursos para organizar, armazenar e analisar dados.

Paralelamente, o Conectivismo formulado por Siemens e Downes ressalta o papel das redes e das conexões como essenciais ao processo de aprender na era digital. Segundo essa abordagem, aprender consiste em estabelecer vínculos entre variadas fontes de informação (Lopes; Costa; Zoppo, 2024). As tecnologias digitais, nesse sentido, tornam-se indispensáveis, pois criam redes de aprendizagem que possibilitam interações contínuas com especialistas, colegas e diferentes materiais online, fomentando um aprendizado colaborativo, autônomo e permanente.

A integração das tecnologias digitais na escola também transforma profundamente o papel do professor. Ele deixa de ocupar exclusivamente o lugar de transmissor do conhecimento e passa a atuar como mediador e facilitador do processo educativo (Carvalho, 2019). Nesse novo cenário, cabe-lhe orientar o uso crítico e responsável das ferramentas digitais, apoiando os estudantes na análise, seleção e validação das informações disponíveis na internet.

Espera-se, ainda, que o docente incentive ambientes de aprendizagem que valorizem a cooperação, estimulem a criatividade e favoreçam o desenvolvimento de estratégias para resolver problemas. As tecnologias educacionais contribuem para a personalização do ensino por meio de plataformas interativas e ferramentas adaptativas que fornecem feedback imediato e possibilitam o acompanhamento do progresso dos estudantes (Silva, 2024). Para isso, torna-se imprescindível que os professores invistam continuamente em sua formação digital, garantindo práticas atualizadas e alinhadas às exigências da sociedade contemporânea.

As tecnologias digitais têm provocado transformações intensas na organização das salas de aula. Uma das mudanças mais evidentes é o fortalecimento da aprendizagem colaborativa. Com o



apoio de plataformas digitais, fóruns e aplicativos de trabalho coletivo, os estudantes interagem e constroem conhecimentos de forma conjunta, superando limitações geográficas (Prudente, 2022). Essa dinâmica amplia possibilidades de troca, favorece a solução coletiva de problemas e enriquece o processo de aprendizagem.

Outro avanço importante é a personalização do ensino. Ferramentas como ambientes virtuais e softwares adaptativos permitem que os professores ofereçam atividades ajustadas às necessidades de cada estudante (Montes, 2024), possibilitando ritmos de aprendizagem diferenciados e promovendo maior inclusão.

O uso de recursos multimídia como vídeos, jogos e simulações também torna as aulas mais dinâmicas, contribuindo para o engajamento e para o interesse dos alunos (Martins, 2024). Esse aumento na participação impacta positivamente na motivação e na retenção dos conteúdos, favorecendo aprendizagens mais significativas.

As tecnologias digitais desempenham ainda um papel decisivo no desenvolvimento de competências do século XXI. Elas estimulam o pensamento crítico, a tomada de decisões, a comunicação e a colaboração, muitas vezes em contextos virtuais (Ferreira, 2024).

No entanto, apesar dos avanços, persistem desafios relevantes. Muitos estudantes ainda enfrentam dificuldades de acesso à internet e a dispositivos digitais, o que amplia desigualdades educacionais (Paula, 2020). Soma-se a isso a necessidade de formação contínua para os docentes, que, em diversos casos, não se sentem preparados para integrar tecnologias em suas práticas pedagógicas (Matos; Coutinho, 2024). Além disso, resistências institucionais e individuais às mudanças metodológicas e tecnológicas ainda são comuns (Saraiva; Souza, 2019). Assim, é fundamental que esses entraves sejam enfrentados de maneira sistemática para que todos os estudantes possam usufruir plenamente dos benefícios proporcionados pela digitalização da educação.

4 PRÁTICAS DE ENFRENTAMENTO À DISCRIMINAÇÃO LGBTQIA+ POR MEIO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS

As tecnologias digitais e a internet abrem espaço para novas possibilidades de aprendizagem. Elas se tornam ferramentas potentes de interconexão, capazes de estimular o desenvolvimento de habilidades e competências, além de favorecerem relações mais colaborativas e solidárias. Nesse contexto, as tecnologias contribuem para a construção de uma sociedade mais empática, que valoriza o respeito, a escuta e o convívio com mais humanidade.

Atualmente, torna-se evidente que as tecnologias digitais ultrapassam os limites da mente humana e provocam a construção de novos arranjos sociais, rompendo com modelos tradicionais que, muitas vezes, eram excludentes. Vivemos em uma era de constante conexão, na qual o surgimento do



ciberespaço e o avanço da hipermídia ajudam a compreender como as tecnologias impactam profundamente o modo de viver, pensar e interagir das pessoas.

Nesse contexto, a tecnologia se apresenta como uma força propulsora de transformações significativas, afetando comportamentos, formas de aprender e de produzir conhecimento, especialmente nas gerações que crescem imersas nessa cultura digital.

Os dispositivos digitais como celulares, tablets, computadores e televisores acompanham os indivíduos em praticamente todos os espaços: na família, no trabalho, na escola e no lazer. Por meio dessas telas, acessamos informações, consumimos entretenimento, realizamos negócios, produzimos conhecimento e até mobilizamos causas sociais. São também os ecrãs que viabilizam manifestações nas redes sociais, posicionamentos públicos e o financiamento coletivo de projetos culturais. Assim, a chamada “Sociedade das Telas” ou “Sociedade dos Ecrãs” levanta reflexões em diferentes campos, questionando como se estrutura e opera o mundo conectado em que vivemos.

As tecnologias digitais têm se consolidado como importantes aliadas no enfrentamento à discriminação contra pessoas LGBTQIA+. As redes sociais, blogs, plataformas de streaming, fóruns e aplicativos se tornaram espaços de resistência, visibilidade e construção de redes de apoio. Por meio desses ambientes digitais, surgem movimentos, campanhas e iniciativas que buscam combater o preconceito, desconstruir estigmas e promover a cidadania da população LGBTQIA+.

De acordo com Castells (2013), as redes digitais são fundamentais para a formação de uma “sociedade em rede”, onde os sujeitos se organizam, produzem sentidos e constroem ações coletivas. Nesse contexto, as tecnologias digitais oferecem não apenas espaços de expressão, mas também ferramentas de mobilização social, possibilitando que indivíduos LGBTQIA+ denunciem violências, compartilhem experiências e articulem respostas rápidas frente a episódios de discriminação.

Além disso, plataformas como Instagram, TikTok, YouTube e Twitter têm sido utilizadas tanto para dar visibilidade às pautas LGBTQIA+ quanto para promover educação antidiscriminatória. Segundo Castells (2013), as tecnologias digitais proporcionam ambientes que potencializam práticas educativas de combate à LGBTfobia, contribuindo para processos de empoderamento, formação política e fortalecimento das identidades dissidentes.

Essas práticas incluem campanhas de conscientização, conteúdos informativos sobre direitos, legislação, saúde e cultura LGBTQIA+, além da criação de espaços seguros de acolhimento virtual. Assim, as tecnologias digitais não apenas rompem barreiras geográficas, mas também se tornam ferramentas fundamentais na luta contra a discriminação e na promoção da equidade e dos direitos humanos.

A atuação no ambiente digital vai além da denúncia. Ela também envolve práticas educativas, produção de conteúdos informativos e a criação de espaços de acolhimento e cuidado coletivo. Segundo Castells (2013), as tecnologias digitais funcionam como ferramentas de empoderamento,



possibilitando não só a visibilidade, mas também a construção de saberes contra-hegemônicos que questionam as normas de gênero e sexualidade impostas socialmente.

As campanhas online, como #EleNão, #ParemDeNosMatar, #LGBTQIA+Resiste, entre outras, são exemplos de como as redes sociais se tornaram palcos de disputas simbólicas que têm efeitos concretos no enfrentamento às violências estruturais. Essas campanhas mobilizam não só indivíduos LGBTQIA+, mas também aliados e organizações, fortalecendo redes de apoio e pressionando instituições públicas e privadas por políticas de equidade e respeito à diversidade.

Além disso, a criação de coletivos, grupos de apoio e comunidades virtuais é uma prática recorrente que tem se mostrado essencial no enfrentamento à solidão, à marginalização e aos efeitos psíquicos da LGBTfobia. Conforme Borrillo (2010), a discriminação contra pessoas LGBTQIA+ é uma expressão de um sistema sexista e heteronormativo, e as práticas digitais se configuram como formas contemporâneas de resistência a esse sistema opressor.

Entretanto, é importante destacar que, embora as tecnologias digitais representem um avanço significativo na luta contra a discriminação, elas também reproduzem violências. O discurso de ódio, a LGBTfobia digital e o cyberbullying são realidades que afetam diretamente a população LGBTQIA+. Por isso, o enfrentamento não deve ser visto apenas como responsabilidade dos sujeitos LGBTQIA+, mas como um compromisso coletivo, que envolve plataformas digitais, governos, instituições de ensino e toda a sociedade.

Diante disso, a educação digital crítica surge como uma ferramenta indispensável. É preciso formar cidadãos capazes de compreender os mecanismos de reprodução do preconceito no ambiente online e, ao mesmo tempo, utilizar esses espaços para promover práticas inclusivas, de respeito à diversidade e de defesa dos direitos humanos. Como aponta Freire (1996), “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Nesse contexto, as tecnologias digitais passam a ser esse “mundo” que mediatiza os processos educativos, políticos e sociais contemporâneos.

5 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotaram-se caminhos metodológicos bem definidos, os quais serão apresentados a seguir. Em produções científicas, é comum que se recorra a métodos sistematizados. Como ressalta Gil (2007, p. 25), os métodos científicos têm a função de assegurar ao pesquisador a objetividade necessária ao tratamento dos fenômenos sociais, além de fornecer parâmetros para responder às questões epistemológicas próprias da investigação científica.

Neste estudo, optou-se por uma metodologia fundamentada na revisão bibliográfica, seguindo as orientações propostas por Gil (2007). A estratégia metodológica adotada foi a elaboração do estado do conhecimento, conforme descrito por Morosini e Fernandes (2014). Tal procedimento tem por finalidade



identificar, organizar e examinar criticamente a produção científica existente sobre o tema em análise, considerando um período previamente delimitado. Para isso, foram consultadas diversas fontes acadêmicas entre elas artigos, dissertações, teses e livros com o objetivo de construir uma visão abrangente, reflexiva e coerente do campo investigado, contribuindo para o aprofundamento teórico e a sustentação da pesquisa.

Assim, o percurso metodológico inicial consistiu na identificação, seleção e registro das produções acadêmicas que abordam o uso de tecnologias educacionais e digitais no enfrentamento à LGBTfobia, utilizando como principais fontes o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e o Google Acadêmico. Posteriormente, procedeu-se à extração dos dados relevantes para análise, seguida da categorização dessas informações de acordo com sua natureza. O período de 2020 a 2024 foi estabelecido como recorte temporal, considerando que esse intervalo permitiria análises consistentes, visto que as publicações já estariam devidamente indexadas nas bases consultadas, oferecendo assim um panorama representativo da temática investigada.

Para refinar a busca por teses e dissertações, foram utilizados descritores relacionados ao tema, tais como “tecnologias educacionais e digitais”, “LGBTfobia” e “TDIC”. Em seguida, avançou-se para a fase de consolidação do corpus, mediante a leitura dos resumos e a seleção final dos trabalhos pertinentes à pesquisa.

6 APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS

Nas últimas décadas, apesar do avanço das discussões sobre inclusão e diversidade na educação, verifica-se que ainda são escassas as pesquisas dedicadas a investigar o uso de tecnologias educacionais e digitais como instrumentos de enfrentamento à LGBTfobia. Esse quadro é especialmente preocupante diante do crescimento de ataques à população LGBTQIAP+ nas redes sociais, o que reforça a urgência de práticas pedagógicas que promovam o respeito às identidades de gênero e orientações sexuais, também mediadas pelo uso crítico e consciente das tecnologias.

O levantamento do estado do conhecimento, conforme afirma Rocha (2024), constitui um recurso fundamental na produção científica, pois permite romper com o senso comum e avançar em direção a um saber sistematizado. Essa prática envolve a análise de diferentes tipos de produção acadêmica, como monografias, dissertações e teses. Nessa perspectiva, realizou-se uma seleção de pesquisas relacionadas ao objeto deste estudo, utilizando um recorte temporal compreendido entre 2020 e 2024. Foram empregados como descritores os termos “tecnologias educacionais e digitais” e “combate à LGBTfobia”, e a busca ocorreu no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e no Google Acadêmico, a fim de identificar trabalhos relevantes para a compreensão da temática.

Durante esse processo, constatou-se uma expressiva ausência de estudos que tratem especificamente da utilização de tecnologias educacionais e digitais no enfrentamento à LGBTfobia. No período delimitado (2020–2024), e com base nos descritores mencionados, não foi identificado



qualquer trabalho de mestrado ou doutorado seja em programas acadêmicos ou profissionais — no Catálogo da CAPES que se relacionasse diretamente ao tema. Tal lacuna evidencia um vazio significativo na produção científica brasileira, reforçando a necessidade de ampliar as investigações que articulem educação, tecnologia e o enfrentamento das violências LGBTQIAP+fóbicas.

Apesar disso, identificou-se um único artigo que dialoga com a proposta deste estudo, intitulado *Violência contra a comunidade LGBTQIA+: proposta de ação educacional e de uso de novas tecnologias digitais para o combate da LGBTfobia*, publicado em 2022 por Nilson Antônio Guzzo Junior, Danielle de Almeida Moreira Candelária Martins e Stephen Bigler. O texto parte do dado alarmante de que o Brasil figura como o país com maior número de assassinatos de pessoas LGBTQIA+ no mundo, e promove uma reflexão sobre as diversas formas de violência física, psicológica e simbólica vivenciadas por essa população em um contexto marcado por desigualdades e discriminações.

Trata-se de uma investigação qualitativa e bibliográfica, amparada em autores como Figueiredo, Shankle, Swain, Souto e Vinhal. Para analisar a realidade das violências sofridas pela comunidade LGBTQIA+, o artigo dialoga tanto com reflexões apresentadas na Campanha da Fraternidade de 2018 quanto com estudos de caso envolvendo jovens LGBTQIA+ e seus contextos sociais. A partir da escuta desses sujeitos e da análise de suas vivências, os autores desenvolveram uma proposta de intervenção educativa durante o evento FLICC (Fórum Literário e Científico do Castelo), promovido pelo Instituto Nossa Senhora da Glória – Castelo, em Macaé (RJ). A ação buscou sensibilizar a comunidade escolar e fortalecer os debates sobre respeito às diferenças, utilizando recursos tecnológicos como instrumentos pedagógicos no combate à LGBTfobia.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação evidenciou a pertinência e a urgência de se discutir o uso das tecnologias educacionais e digitais como estratégia de enfrentamento à LGBTfobia no ambiente escolar, temática ainda pouco desenvolvida na produção científica brasileira entre 2020 e 2024. A análise do estado do conhecimento revelou uma lacuna expressiva, indicando a necessidade de aprofundar estudos que articulem educação, diversidade, direitos humanos e inovação tecnológica em práticas pedagógicas comprometidas com a superação das discriminações.

No contexto atual, tanto a sociedade quanto as instituições de ensino demandam ações eficazes para combater as violências estruturais direcionadas à população LGBTQIAPN+, sobretudo em um cenário permeado por manifestações hostis em espaços presenciais e digitais. Embora as tecnologias possam ser utilizadas para disseminar discursos de ódio e exclusão, elas também constituem recursos potentes de resistência, empoderamento e valorização da diversidade, com grande potencial para fortalecer processos educativos inclusivos e transformadores.



A revisão teórica realizada, ancorada em perspectivas como o construtivismo, a cognição distribuída e o conectivismo, reforça que as tecnologias digitais favorecem a construção compartilhada do conhecimento, possibilitam o ensino personalizado e contribuem para a criação de ambientes de aprendizagem que promovem o respeito às diferenças. Contudo, para que tais possibilidades se concretizem, é fundamental enfrentar desafios estruturais, como a desigualdade no acesso a dispositivos e internet e a necessidade de formação docente adequada para o uso crítico dessas ferramentas.

Embora tenham sido encontrados poucos estudos que tratem diretamente da utilização de tecnologias educacionais no combate à LGBTfobia, destaca-se a existência de iniciativas que mobilizam recursos digitais em ações educativas, apontando caminhos promissores para investigações futuras e para o desenvolvimento de práticas pedagógicas efetivas.

Assim, este trabalho amplia o debate acerca do papel das tecnologias digitais na promoção de uma educação inclusiva, sublinhando a importância de políticas públicas, programas de formação continuada e esforços coletivos voltados ao enfrentamento das discriminações de gênero e sexualidade. Avançar nesse panorama significa reconhecer a escola como um espaço não apenas de reprodução social, mas de construção ativa de culturas escolares antissexistas, antirracistas e afirmativas da diversidade sexual e de gênero, mediadas por tecnologias que contribuam para a cidadania plena e para a equidade.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. Coord. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?** / Miriam Abramovay, Mary Garcia Castro, Júlio Jacobo Waiselfisz. Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ABGLT). Secretaria de Educação. **Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015**: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais. Curitiba: ABGLT, 2016.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**: história e crítica de um preconceito. Lisboa: Temas e Debates, 2010.

CARVALHO, Aline Deanne Santana de. **O uso de tecnologias digitais na gestão da aprendizagem por discentes de graduação**. 2019. 76f. Dissertação (Mestrado em Ensino em Ciência e Saúde) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós Graduação em Ensino em Ciência e Saúde, Palmas, 2018. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/1226>. Acesso em: 14 mai. 2025.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

FELIX, Henrique da Silva; COUTINHO, Diogenes José Gusmão. **A Participação Dos Alunos No Espaço Escolar**: Uma Abordagem De Aprendizagem Colaborativa. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 9, n. 11, p. 3964 3973, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i11.12545. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/12545>. Acesso em: 21 maio. 2025.

FERREIRA, Cristiano Cavalcante; FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde. **Vivências escolares de jovens homossexuais afeminados: estratégias de resistência e permanência**. Tópicos Educacionais, Recife, v.21, n.2, P. 103- 138, jul/dez, 2015.

FERREIRA, Jéssica Lorrany Parente. **A Importância Do Ensino De Sequências Numéricas Matemáticas: Estratégias e Abordagens**. Revista Científica Multidisciplinar O Saber, São Paulo, v. 1, ed. 1, 2024. DOI <https://doi.org/10.51473/rcmos.v1i1.2024.515>. Disponível em: <https://submissoesrevistacientificaosaber.com/index.php/rcmos/article/view/515>. Acesso em: 18 maio 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Francielle Nogueira. **Educação básica e inteligência artificial**: perspectivas, contribuições e desafios. 2019. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/handle/handle/22788>. Acesso em: 13 mai. 2024.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GUZZO JUNIOR, Nilson Antônio; MARTINS, Danielle de Almeida Moreira Candelária; BIGLER, Stephen. **Violência contra a comunidade LGBTQIA+**: proposta de ação educacional e de uso de novas tecnologias digitais para o combate da LGBTfobia. *Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação* (online), Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, 2022. Disponível em: <https://revistacarioca.com.br>. Acesso em: 18 jun. 2025.



JAEGGER, Melissa Bittencourt et al. **Bissexualidade, bifobia e monossexismo**: problematizando enquadramentos. *Periódicus*, Salvador, v. 2, n. 11, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v2i11.28011>. Acesso em: 27 maio. 2025.

JESUS, Jaqueline Gomes de et al. **Mental health and challenges of transgender women**: a qualitative study in Brazil and India. *International Journal of Transgender Health*, [London], v. 21, n. 4, p. 418-430, 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/26895269.2020.1761923>. Acesso em: 27 maio. 2025.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Homofobia**: Identificar e prevenir. Rio de Janeiro: Metanoia Editora, 2015.

LACERDA, Christiano Henrique Pires et al. **Uma Ovação Ao Futuro Da Educação Virtual: O Tutor Ead Na Dinâmica Da Nova Ordem Educacional**. *Revista Fagenius*, [s. l.], v. 1, ed. 2, p. 1-28, 2023. Disponível em: <https://revista.fagenius.com.br/index.php/rf/article/view/9>. Acesso em: 13 maio 2025.

LOPES, Cleber; COSTA, Aldemar Balbino da; ZOPPO, Beatriz Maria. **A influência das metodologias ativas de aprendizagem na promoção da autonomia e inovação em pesquisadores em formação: um estudo transdisciplinar**. *Caderno Pedagógico*, [S. l.], v. 21, n. 3, p. e3108, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n3-052. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/3108>. Acesso em: 21 may. 2024.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Religião, cultura e política**. *Relig. Soc.*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 29-56, 2012.

MARTINS, José César. **Tecnologias no ensino de Química**: desafios e contribuições apontados pelos professores. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Química) - Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/56177>. Acesso em: 17 mai. 2025.

MATOS, Cristiano Castro de; COUTINHO, Diogenes José Gusmão. **Desafios Educacionais: A Resistência do Professor às Novas Tecnologias e a Necessidade de Capacitação**. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, [S. l.], v. 10, n. 5, p. 1069–1079, 2024. DOI: 10.51891/rease.v10i5.13181. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13181>. Acesso em: 24 maio. 2025.

MONTES, Paziana Veras. **O Impacto Da Tecnologia No Processo De Ensino Aprendizagem No Ensino Fundamental**. *Epitaya E-books*, [S. l.], v. 1, n. 74, p. 57-64, 2024. DOI: 10.47879/ed.ep.2024455p57. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/1075>. Acesso em: 23 maio. 2025.

MOREIRA, J. António et al. **Educação digital em rede**: princípios para o design pedagógico em tempos de pandemia [Em linha]. Lisboa: Universidade Aberta, 2020. 49 p. (eUAb. Educação a Distância e eLearning; 10). ISBN 978-972-674-881-6.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. **Estado do Conhecimento**: conceitos, finalidades e interlocuções. *Educação Por Escrito*, Porto Alegre, v. 5, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/18875> Acesso em: 25 nov. 2020.



PAULA, Leandro Waldir de. **Governança judicial e acesso à justiça**: desigualdades permanentes, (re)equilíbrios dinâmicos e novos arranjos no sistema de justiça brasileiro. Orientador: Dr. Ricardo de Barros Leonel. 2020. 346 p. Dissertação (Mestre em Direito) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Direito, São Paulo, 2020. DOI <https://doi.org/10.11606/D.2.2020.tde-05052021-234716>. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2137/tde-05052021-234716/en.php>. Acesso em: 18 maio 2025.

PODESTÀ, Lucas Lima. **Ensaio sobre o conceito de transfobia**. Periódicos, Salvador, n. 11, v. 1, p. 363-380, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/27873/19974>. Acesso em: 28 maio. 2025.

PRUDENTE, Natália Leão. **Habilidades orais por meio de affordances no Whatsapp**: um estudo sobre o papel das presenças cognitiva, social e instrucional no contexto do ensino e aprendizagem de língua inglesa. Orientador: Dra. Júnia de Carvalho Fidélis Braga. 2022. 170 f. Tese (Doutora em Linguística Aplicada.) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras., Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/45109>. Acesso em: 17 maio 2025.

ROCHA, Izabela Assis; SOUZA, Tatiana M. do Carmo; FRANCO, Mariana Neves. **Investigando as violências sofridas por mulheres lésbicas universitárias**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 39-57, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2021v27n1p39-57>. Acesso em: 28 maio. 2025.

ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. **A produção do conhecimento como cognição distribuída: práticas informacionais no fazer científico**. Orientador: Dr. Cláudio Paixão Anastácio de Paula. 2018. 210 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-B3UK96>. Acesso em: 13 maio 2025.

ROCHA, Luis Félix de Barros Vieira. **ARTE-EDUCAÇÃO NO TERREIRO**: A possibilidade de práticas pedagógicas antirracistas do/a professor/a de arte através do ritual de Baião de Princesas da Casa Fanti Ashanti em São Luis do Maranhão. Universidade Federal de Pelotas (tese), 2024.

SARAIVA, Samuel de Souza; SOUZA, Valdi Machado de. **Desafios para a inserção das tecnologias da informação e comunicação (TIC) na Escola Municipal Professora Maria de Fátima Oliveira em Capitão Poço no estado do Pará**. Orientador: Prof. Dr. Albano de Goes Souza. 2019. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Computação) - Universidade Federal Rural da Amazônia, Capitão Poço, 2019. Disponível em: <https://bdta.ufra.edu.br/jspui/handle/123456789/1301>. Acesso em: 18 mai. 2025.

SCHNEIDER, Alice Braun. **Competências digitais para a redução da evasão no ensino superior de graduação na modalidade a distância**. Orientador: Dr. Luciano Frontino de Medeiros. 2021. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Novas Tecnologias) - Centro Universitário Internacional UNINTER, Curitiba, 2021. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/598>. Acesso em: 14 maio 2025.

SILVA, Antonio Marcio Da. **Diferenciação no ensino de línguas adicionais**: estratégias baseadas no uso de tecnologias educacionais. Dimensões Docentes, Porto Alegre, v. 1, ed. 1, p. 1-18, 2024. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/dimensoesdocentes/article/view/138118>. Acesso em: 14 maio 2025.



TRINDADE, Cícero da. **Transformações pedagógicas na Modernidade Líquida**: estratégias educacionais para um corpo discente diversificado. Anais Sev7n, [s. l.], p. 19, 2024. DOI 10.56238/sevenVmulti2024-087. Disponível em: <https://sevenpublicacoes.com.br/index.php/anais7/article/view/3946>. Acesso em: 13 maio 2025.